



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro Biomédico

Instituto de Medicina Social

Carlos Alberto de Mattos Ferreira

**Origem e função da fantasia na obra freudiana**

Rio de Janeiro

2008

Carlos Alberto de Mattos Ferreira

**Origem e função da fantasia na obra freudiana**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade de Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ciências Humanas e da Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Plastino

Rio de Janeiro

2008

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CB/C

F383 Ferreira, Carlos Alberto de Mattos.  
Origem e função da fantasia na obra freudiana / Carlos Alberto de  
Mattos Ferreira. – 2008.  
246f.

Orientador: Carlos Alberto Plastino.  
Tese (doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro,  
Instituto de Medicina Social.

1.Fantasia-Teses .2. Inconsciência- Teses. 3. Psicanálise -Teses. 4.  
Criação- Teses. 5. Freud, Sigmund, 1856-1939 - Teses I. Plastino,  
Carlos Alberto. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto  
de Medicina Social. III. Título.

CDU 159.954.2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Carlos Alberto de Mattos Ferreira

**Origem e função da fantasia na obra freudiana**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade de Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ciências Humanas e da Saúde.

Aprovada em 18 de abril de 2008.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Carlos Alberto Plastino (Orientador)  
Instituto de Medicina Social – UERJ

---

Prof. Dr. Alexandre Abranches Jordão  
Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação – IBMR

---

Prof. Dr. Benilton Carlos Bezerra Junior  
Instituto de Medicina Social – UERJ

---

Prof. Dr. Jurandir Sebastião Freire Costa  
Instituto de Medicina Social – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ruth Helena Pinto Cohen  
UFRJ

Rio de Janeiro

2008

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta tese a Sigmund Freud e a todos aqueles que mantêm viva a chama da psicanálise.

Aos meus mestres e alunos, analistas e clientes, supervisores e orientandos.

## AGRADECIMENTOS

À minha família e, em especial, a minha irmã Marly pela força no percurso desta pesquisa.

Ao meu orientador Carlos Plastino, pela construção do foco e as constantes delimitações do objeto desta pesquisa.

À psicanalista Beth Muller, por sua dedicação, competência e interlocução.

Ao psicanalista Robinson Machado, por suas cuidadosas e importantes releituras desta investigação.

Aos psicanalistas Alexandre Jordão, Antenor Salzer, Arthur Kottler, Clare Paine e Jurandir Freire Costa, por suas incidentais e precisas contribuições.

Às colegas de doutorado, Marília Mettieni e Elizabeth Palatinik, pelas sugestões e pelo carinho.

À Lourdes Terezinha Rizzi e Daisy Melo, pela revisão.

A todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização deste trabalho.

Quanto ao resto, noso jovem investigador simplemente chegou um pouco cedo à descoberta de que todo o conhecimento é um monte de retalhos, e que cada passo à frente deixa atrás um resíduo não resolvido.

*Sigmund Freud, 1909*

*Qué* te queda entonces de judío, si hás resignado todas esas relaciones de comunidad com tus compatriotas?', respondería: 'Todavía mucho, probablemente lo principal'. Pero en el presente no podría verter eso esencial con palabras claras. Es seguro que alguna vez lo conseguirá una intención científica.

*Sigmund Freud, 1930.*

## RESUMO

FERREIRA, Carlos Alberto de Mattos. *Origem e função da fantasia na obra freudiana*. 2008. 246 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

O objetivo desse estudo foi investigar a origem e a função da fantasia na obra de Sigmund Freud, por meio do papel que desempenha na constituição do psiquismo humano e da sua importância em produzir um sentido para a vida. A pesquisa - de cunho bibliográfico - buscou esclarecer os diferentes usos e modificações do termo "fantasia" no decorrer das descobertas realizadas por Freud ao longo de sua vida e obra, desde o período denominado de pré-psicanalítico (1886/1899) até os últimos textos publicados no *Esboço de Psicanálise* (1940 [1938]). A análise da investigação revelou três grandes eixos descritivos, complexos, por vezes contraditórios e submetidos a constantes redefinições que caracterizam a fantasia como um sintoma, uma criação e um enigma da transmissão geracional. A conclusão corrobora o pressuposto de que a vida não tem sentido sem a capacidade de fantasiar. A fantasia ocupa um lugar de fundamental importância no pensamento freudiano, comparecendo como um elemento essencial na constituição do psiquismo e revelando horizontes, para que os estudiosos da psicanálise pudessem ampliar essa investigação tão reveladora da psiquê.

Palavras-chave: Fantasia. Criação. Sintoma. Transmissão e inconsciente.



## **ABSTRACT**

The objective of this study was to investigate the origin and function of fantasy based on the Works of Sigmund Freud by means of performance in the constitution of human psychism and its importance in producing the sense of life. The bibliographical research was undertaken to clarify the different uses and modifications of the term 'fantasy' in the course of the discoveries realized by Freud during his lifelong work. An analysis of the investigation revealed three descriptive complex principle themes, which at times can be contradictory, yielding and subjugating with constant redefinition, which characterizes the fantasy as a symptom, a creation and an enigma of generational transmission. The conclusion corroborates the presumption that life does not make sense without the capacity to fantasize. The fantasy: occupies a place of fundamental importance in Freudian thought; presents as an essential element in the constitution of psychism and reveals horizons for researchers of psychoanalysis to amplify their investigations leading to further revealing of the psyche.

Keywords: Fantasy. Creation. Symptom. Transmission and unconscious.

## LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

- EA – Edição Argentina das obras completas de Sigmund Freud. Buenos Aires/Madri. Amorrortu Editores.
- ESB – Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro. Imago Editora Ltda.
- OP – Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro. Imago Editora.
- NAT – Notas do autor da tese

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1</b>	<b>A CONSTRUÇÃO E A FUNÇÃO DA FANTASIA NO FUNCIONAMENTO DO PSIQUISMO .....</b>	<b>25</b>
<b>2</b>	<b>A FANTASIA NO INFANTIL DO ADULTO E EM DOIS TEMPOS DO BRINCAR: CRIAÇÃO E DEFESA .....</b>	<b>141</b>
<b>3</b>	<b>FANTASIA , SUA RELAÇÃO COM O AMBIENTE E COM A TRANSMISSÃO GERACIONAL .....</b>	<b>177</b>
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>203</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>234</b>

## INTRODUÇÃO

A contemporaneidade, em sua dimensão complexa, nos tem revelado as múltiplas facetas de diferentes campos teóricos e clínicos e a necessidade de estabelecer diálogos entre diferentes áreas.

O autor, que ora se apresenta nesta tese, propõe-se a discutir uma questão que considera relevante sob os pontos de vista teórico, clínico e educacional: qual é a origem e a função da fantasia na construção do psiquismo e sua importância em produzir um sentido para o viver.

Sua relevância teórica constitui-se na medida em que o papel do imaginário apresenta-se, cada vez mais, como um dos marcos dos estudos contemporâneos sobre o papel da consciência (e do inconsciente) na constituição da subjetividade; podendo desdobrar-se em múltiplos campos de estudo como, por exemplo: a filosofia, a neurociência, a ciência cognitiva e a psicologia, as ciências físicas e biológicas, as correntes terapêuticas dos cuidados de si, a psicomotricidade, a psicanálise, as ciências humanas e a arte<sup>1</sup>.

No campo da clínica, observa-se, por um lado, a elisão e/ou subjugação da função imaginária pelas tendências organicistas do reducionismo biológico ao focar em técnicas e medicamentos que adaptem o sujeito à "realidade social", considerando-o como

---

<sup>1</sup> NAT: Descrição dos campos de estudos contemporâneos sobre a "consciência" roteirizados pelos organizadores da Conference for Consciousness da Universidade do Arizona - USA - 2006/2007

portador de doenças de seu comportamento. Por outro lado, encontram-se outras tendências de abordagens clínicas que, sob olhares mais conciliadores, incluem o imaginário, a fantasia e a criação como suportes de sintomas, algumas, inclusive, colocando em xeque a própria noção de sintoma.

O campo da educação, cada vez mais oprimido pelas exigências de um ambiente altamente competitivo e menos solidário, e dentro de uma sociedade que atravessa uma crise de perda de sentidos e referências, busca se apegar a qualquer resposta que possa aliviar seu sofrimento e incompreensões. Não raro, encontra as mais digeríveis, que são as veiculadas pelo reducionismo biológico, atribuindo doenças às crianças e jovens adolescentes, medicalizando um número impressionante de sujeitos em função de uma obediência às normas ortopédicas de adaptação a esse modelo social, eliminando, assim, a dimensão subjetiva, imaginária, complexa, transgressiva e criativa que emerge com os sopros da juventude e o que ela revela de contestação desse ideal social. A medicalização excessiva das crianças e dos jovens, por exemplo, em relação aos chamados transtornos da atenção, já mereceu a denominação de "drogas da obediência", porque os sujeitos que não correspondem às expectativas uniformes de desempenho escolar, têm sido diagnosticados, muitas vezes, como portadores de sintomas estritamente neuro-fisiológicos. A psiquiatria, aliada à educação, criando a norma, também cria o sintoma. O ato de confrontar, transgredir ou não, se submeter passivamente à realidade social ganha a significação de um transtorno ou uma doença.

Contudo, nem todos os educadores deixam de compreender a existência de uma outra perspectiva baseada no imaginário da subjetividade e, conseguem encaminhar suas

pesquisas de estudo e projetos pedagógicos de acordo com as transformações cotidianas, enfrentando enormes desafios para encontrar saídas criativas profundamente diferenciadas em função de ambientes completamente distintos. Para esse outro olhar, a grande maioria dos "sintomas" é traduzido como marcas das singularidades de cada sujeito aliadas às experiências com o ambiente e suas histórias de vida. A experiência clínica e educacional deste autor, supõe que grande parte desses comportamentos compõe-se de resistências conscientes ou inconscientes a ideais sociais altamente competitivos e à influência de ambientes socioeconômicos profundamente desiguais. Tais comportamentos são geralmente constituídos no seio da história familiar de cada sujeito. O objetivo posterior do autor, após esta tese, é investigar mais profundamente as vias que se cruzam entre o campo do conhecimento das ciências cognitivas e o da psicanálise, visando a seus desdobramentos nos campos da clínica e da educação.

O objeto de pesquisa da dissertação de mestrado em Educação(2002) deste autor foi um estudo de foco cognitivista sobre o papel do lúdico e da imaginação no desenvolvimento infantil pela ótica de Vygotsky. Na teoria vygotskyana, a imaginação funciona como a origem de toda a consciência e o caminho, por que o sujeito se desenvolve, passa necessariamente pela experiência subjetiva, pela capacidade criativa e pelas influências de seu meio-ambiente. Muitas premissas desse pensamento foram influenciadas pela obra de Sigmund Freud, pois Vygotsky foi um dos responsáveis pela introdução da psicanálise na Rússia no início do século XX. Em função desses estudos sobre o imaginário, propõe-se, neste trabalho, pesquisar no campo psicanalítico a gênese do conceito e a função da fantasia na obra de Sigmund Freud.

A escolha deve-se ao fato de ter sido Freud o criador do campo psicanalítico e por ter formulado as mais importantes contribuições no campo do inconsciente, incluindo a categoria que é objeto deste estudo: a fantasia.

Revela-se profundamente instigante na obra desse autor a construção teórico-clínica reveladora da capacidade de estar atento às experiências cotidianas, situando-a num exercício aventureiro e audacioso de análise e observação para, após, tentar apreendê-la reflexivamente e empreender um esforço teórico para significá-la e conceitualizá-la. Acredita-se que a literatura freudiana traz, em si, um importante tesouro epistemológico, no sentido em que suas formulações teóricas complexas revelam uma razão sobre a consciência do que se sabe e do que não se sabe, formando ambos aquilo que, neste trabalho, chamar-se-á psiquismo. Sua produção teórica é calcada na díade conhecimento e experiência vivida, observável, desafiadora e indomável, tornada pública em seu testemunho autoral, indissociável dos afetos que movem seu agir, expressando rara capacidade de refutar-se a si mesmo quando se via diante dos enigmas postos no seu percurso psicanalítico.

Sob o aspecto formal da obra pesquisada não se pode deixar de destacar o estilo de Freud que produziu um dos mais importantes cortes epistemológicos na história da humanidade, e que se estivesse submetido aos aspectos formais da metodologia científica moderna, não seria aceito num curso de mestrado e doutorado, nem teria seus artigos publicados em revistas indexadas. Pode parecer simplória esta colocação, mas se trata de um ponto fundamental para repensarmos a forma como se produz conhecimento, a elisão da narrativa em primeira pessoa e a subjacente pretensão de estabelecer

verdades imparciais. Como se isso fosse possível e se já não se tratasse de uma fantasia da modernidade, muitos autores enquadram Freud dentro de um paradigma totalmente moderno, contudo, deve-se ater não somente ao conteúdo da obra, mas especialmente da sua forma, seu estilo, sua narrativa primorosa que têm ressonância como um clássico, mas que não teria sobrevivido dentro de nossas academias. Nesse sentido, Freud é absolutamente contemporâneo.

### **O conceito de fantasia**

O conceito de fantasia, em psicanálise, é definido de formas diversas em função das suas diferentes correntes teóricas. Laplanche e Pontalis (1967/1983) descrevem que o termo em alemão *Phantasie*, utilizado por Freud, significa imaginação, abarcando o mundo imaginário, seus conteúdos e a atividade criadora que o anima. Em francês, seu uso não corresponde exatamente ao significado do termo em alemão. Inscrito dentro do campo psicanalítico, seu referente é o termo *fantasme* (*fantasma*). Este último restringe-se à determinada formação imaginária, não sendo exatamente o que Freud propunha como o mundo das fantasias e a atividade imaginativa em geral. Na língua inglesa, encontra-se a proposta de Susan Isaacs de diferenciar *fantasy* - como equivalente aos devaneios diurnos conscientes e as ficções - e *phantasy*, referindo-se aos conteúdos dos processos mentais inconscientes.

Roudinesco e Plon (1997/1998) reafirmam as definições de Laplanche, acrescentando que, em francês, o termo *fantasme* foi forjado num sentido conceitual diferente do alemão. Em francês, deriva do grego *phantasma* (aparição, transformada em "fantasma"



no latim) e do adjetivo *fantasmatique* (*fantasmático*), aproximando-se, por sua significação, de *fantomatique* (*fantasma, fantasmagórico*). Esses últimos descrevem que a escola kleiniana, inglesa criou os termos *phantasy* e *fantasy*, sem, no entanto, estabelecer suas distinções. Acrescenta, ainda, que no Brasil o termo corrente é *fantasma*, supondo-se provavelmente desconhecer as produções psicanalíticas que são produzidas fora do designado campo lacaniano.

Kaufmann (1993/1996) em seu verbete sobre a fantasia não a define, mas busca descrevê-la em Freud, comparando-a com o uso proposto por Lacan. Para ele, em Freud, baseado nos escritos de Laplanche & Pontalis, a fantasia "*é um roteiro imaginário em que o sujeito está presente, e que figura de maneira mais ou menos deformada pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente*" (ibid: 196). Kaufmann considera como formulação primária freudiana o texto "Bate-se numa criança"<sup>2</sup>, onde sinaliza a formulação de Lacan de que, encontra-se mais uma frase do que um roteiro, sustentando o fato da fantasia remeter mais à gramaticalidade do *isso* como recurso pulsional e estabelecendo a constatação de que a fantasia constitui o único acesso possível ao "real".

Em Melanie Klein, as fantasias ganham estatuto de primitivos, sendo o primeiro esboço de um corpo imaginário, existindo já desde o nascimento e constituindo-se como a linguagem universal intra e intersíquica constitutiva do sujeito.

---

<sup>2</sup>NAT: na EA "*Pegan a um nino* " e na SEB "*Uma criança é espancada* ".

Não há nos três dicionários citados qualquer menção ao conceito de fantasia utilizado por Winnicott - nem em Abram<sup>3</sup> (2000) - que estabelece uma diferença entre imaginar e fantasiar: a capacidade de imaginar é decorrente da ilusão de onipotência vivenciada pelo bebê que, por sua vez, precede o simbólico. A fantasia equivale ao devaneio e se opõe ao processo criativo. A fantasia é o resultado de uma defesa, uma construção do falso *self* e é compreendida como incapacidade para brincar, enquanto a imaginação é fruto desse processo criativo.

Na Standard Edition Brasileira, traduzida do inglês para o português, muitas vezes o termo fantasia, se comparado com a tradução argentina, da Editora Amorrortu, é traduzido como imaginação<sup>4</sup> (1909/1910:18). Analisando a tradução do termo alemão *Phantasie* para o espanhol, observam-se duas possibilidades distintas, que são *fantasia* e *imaginación* (LEO,2007). O mesmo pode ser observado da tradução alemã para o inglês, *Phantasie* (alemão) pode ser traduzido por *fantasy*, *phantasy*, *imagination* e *invention* (ibid). Na tradução do alemão para o francês, observa-se a mesma distinção, *Phantasie* (alemão) se traduz por *fantaisie* e *imagination* (ibid). Vale ressaltar que o termo não contém sua tradução de *fantasme*, neste dicionário, tal como é utilizado na literatura psicanalítica francesa.

Em síntese, muitas questões e referenciais diferentes nos levam a refletir sobre as profundas diferenças, a que o termo fantasiar se refere, dentro do campo psicanalítico.

---

<sup>3</sup> "A Linguagem de Winnicott - Dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott" (1996/2000).

<sup>4</sup> NAT: Como, no exemplo referenciado, na *Gradiva de Jensen*

A tradução de Luiz Hanns para as Obras Psicológicas de Sigmund Freud (2004/2007) aponta para importantes aspectos das tramas que envolvem o processo de construção e uso dos conceitos na obra freudiana. Selecionaram-se dois que merecem especial destaque.

O primeiro aspecto aponta para três dimensões semântico-conceituais: a primeira define o âmbito da própria palavra em alemão e seu significado psicanalítico; a segunda aponta para seu uso numa cadeia de palavras no idioma alemão conduzidas por um fio dentro da obra freudiana, mas que se perdem na tradução para o português; a terceira, porém, compara o impacto das diferenças semânticas entre o português e o alemão.

O segundo aspecto aponta uma diferença muito importante para esta tese, isto é, entre as tramas enfáticas e as de articulação. Nas tramas enfáticas, utilizam-se termos que se equivalem, se agrupam pela semelhança e que não se constituem propriamente um conceito, mas sinalizam blocos de palavras cuja "idéia-força" objetiva um certo sentido genérico, por exemplo, "fantasia", "imaginação", "fantasma", "alucinação", "delírio" podem ser utilizadas para se opor a uma certa idéia de outro grupo constituído por "realidade", "consciência", "consciente", "razão". Nesse caso, os termos equivalem ao que se propõe a chamar de pré-conceitos. Nas tramas de articulação, os termos ganham estatuto de conceitos, diferenciando-se entre si e encontrando definições específicas para seu uso dentro das sistematizações teóricas mais precisas. Sob essa perspectiva, por exemplo, "consciente" e "consciência" apresentam diferenças e precisões conceituais bem definidas.

Considera-se o mais importante dessas relações entre os traços semânticos na obra freudiana, o fato de o pesquisador atentar para usos enfáticos e de articulação dos termos e, em especial, da fantasia e seus correlativos mais diretos. Esta tese se propõe, portanto, abordar o conceito de fantasia essencialmente dentro da obra freudiana e, quando necessário, estabelecer diálogos com outras correntes em suas múltiplas concepções.

### **A pesquisa: o que se pretende investigar?**

Pretende-se investigar, como já foi citado, a origem e a função da fantasia na obra freudiana. Considerando-se a complexidade que envolve o conceito de fantasia na obra psicanalítica e, em particular, em Freud, formula-se a seguinte questão: A vida teria sentido sem a capacidade de fantasiar?

A presente pesquisa tem como objetivo principal investigar a construção do conceito de fantasia na obra de Sigmund Freud, estudada em sua fonte primária. Como objetivo secundário, propõe-se investigar os caminhos reflexivos que conduziram Freud a elaborar as noções e o desenvolvimento do conceito de fantasia e qual o papel que desempenha na constituição do psiquismo humano. Outro objetivo, não menos importante, pretende identificar no texto freudiano as passagens implícitas e explícitas sobre o destino criativo da fantasia como proposta de responder à pergunta formulada nesta tese. Em síntese, o pressuposto a ser verificado é se a capacidade de criar é o que dá sentido à vida.

Pontos considerados fundamentais foram elaborados ao longo desta pesquisa, tais como: as transformações que o uso do termo fantasia foi tomando ao longo da obra freudiana com suas diversas origens e significações; o esclarecimento sobre a constituição da realidade psíquica e da realidade material (concreta) articuladas com a fantasia e a constituição do psiquismo; a importante relação entre a ontogênese e a filogênese na transmissão da cultura e a ambivalência da função do brincar e sua relação com a constituição defensiva e criativa do sujeito diante dos desafios impostos pela natureza e pela civilização.

No senso comum e em vários campos da saúde mental, o termo fantasia tende a ser visto como constitutivo do "irreal" e isso influencia diretamente nos constructos teóricos, clínicos e educacionais de diferentes linhas com implicações radicalmente diversas na compreensão do que é patológico e do que não é patológico. Os olhares que preconizam a aceitação teórica ou não, da presença de um "real" na fantasia, se constitui num dos elementos fundamentais para diferenciar um sintoma considerado como o resultado de um conflito do sujeito diante de si mesmo e do seu meio, de um outro compreendido como estritamente de ordem neurofisiológica destituído de imaginário e até de historicidade subjetiva.

Em função dessas diferentes miradas, considera-se que a fantasia ganha uma dimensão cujo limite e alcance não se pode conceber como um conceito do qual já se tenha um domínio total de sua compreensão. E essa consideração aparece presente em toda obra freudiana.

Esta pesquisa segue a perspectiva, tal como em Laplanche & Pontalis (1985/1993) e Susan Isaacs (1952/1982) em que a fantasia é considerada como um dos conceitos fundamentais da teoria psicanalítica, na medida em que todos os outros elementos desse campo encontram-se, sob diferentes intensidades, articulados a ela.

### **A estrutura da tese**

A apresentação dos capítulos foi disposta em função das questões emergentes durante o processo de pesquisa da construção do pensamento freudiano. A pesquisa primária e referências bibliográficas seguem, principalmente, o roteiro estabelecido por James Strachey e Anna Freud na edição argentina da *Amorrotu5*<sup>5</sup>, de 1973/2003 (que nas referências bibliográficas de texto aparecerá como EA); acompanhada e comparada com o texto em língua portuguesa da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (aqui representada por ESB). Pesquisou-se, também, e, foram de fundamental importância, as Obras Psicológicas de Sigmund Freud, da Imago Editora, com coordenação geral e tradução de Luiz Alberto Hanns de 2004/2007 (aqui representada por OP). Este autor, num minucioso estudo da obra original em alemão e de outras importantes traduções (em português, espanhol, francês e inglês), pôde contribuir para que uma série de conceitos presentes na tradução portuguesa, oriunda da edição inglesa - que foram mal traduzidos, em virtude da dificuldade de encontrar o mesmo significado do original -, pudessem refletir sob diversos prismas, a complexidade dos termos em alemão. Seu estudo esclarece passagens em que os termos são usados ora como noções, sob forma genérica e ora como conceitos psicanalíticos,

---

<sup>5</sup> NAT: As traduções para o português foram feitas pelo autor desta tese.

primando pela precisão em aproximar-se daquilo que Freud queria expressar no seu uso lingüístico.

Na medida em que se optou trabalhar o desenvolvimento do conceito fantasia seguindo a trilha traçada historicamente por Freud em seus textos, tornou-se um desafio acompanhar e interpretar as diferentes alterações - não somente em notas de rodapé, mas principalmente nos acréscimos de numerosos parágrafos - em diversas fases posteriores de sua obra.

Tornou-se motivo de indagação profunda para o autor desta tese a validade de incluir numa pesquisa bibliográfica publicações que o próprio autor pesquisado não considerou relevantes para tornarem-se públicas, como, por exemplo, o artigo abandonado *O Projeto para uma Psicologia Científica*, e os textos não autorizados, como as suas correspondências com outros pensadores. Isto nos faz formular uma importante questão: pode-se autorizar a inclusão em uma pesquisa de um texto que foi excluído por seu autor? Esta questão ficará sem resposta. Optou-se por trabalhar com os textos publicados. Autorizados e não autorizados.

### **Sobre o uso de conceitos**

O uso dos termos psicanalíticos requer muita atenção por parte do pesquisador que os analisa. Alguns termos serão descritos em sua transformação durante o próprio percurso freudiano. Outros, no entanto, foram definidos, seguindo dois critérios, por ordem de importância. Primeiro, privilegiou-se a tradução de Luis Alberto Hanns para a língua

portuguesa, em virtude da sua atualidade e do seu criterioso estudo da obra psicanalítica; segundo, optou-se em definir alguns termos mediante escolha do autor desta tese, em função de sua própria interpretação diante da pesquisa em diferentes idiomas e traduções. O uso de termos mais clássicos requer sempre uma escolha, apesar de não ser óbvio para muitos estudiosos. O uso do termo *ego* pela Standard Edition Brasileira tem sido muito criticado com a justificativa de não corresponder ao seu uso primário. Nesse sentido privilegiou-se o uso do termo *Eu* como o traduzido na edição argentina da Amorrortu. Entretanto observa-se que, mesmo em autores contemporâneos e conhecedores de toda uma linguagem psicanalítica, o uso do termo *ego*, em língua portuguesa, parece não ter perdido seu uso (Souza, O./2007:315/344)<sup>6</sup>.

Optou-se, também - baseado nas notas do tradutor Luiz Alberto Hanns - o uso do termo "recalque" (*verdrängung*) em substituição à "repressão" usada na ESB.

### **Organização da tese**

O primeiro capítulo aborda a função da fantasia no funcionamento do psiquismo. Privilegiou-se relatar e discutir a origem e a construção da fantasia no contexto da obra freudiana. Optou-se por seguir as pesquisas do período pré-psicanalítico até a formulação das fantasias primordiais. Diante da ambivalência do papel da fantasia entre sintoma e criação, este primeiro capítulo buscou focar a fantasia em seu aspecto mais

---

<sup>6</sup> NAT: Artigo "Defesa e Criatividade em Klein, Lacan e Winnicott" de Otávio de Souza no livro Winnicott e seus interlocutores, organizado por Bezerra Jr, B. & Ortega, F.



sintomático, apesar de ambas comparecerem ao longo de todo o texto, na medida em que não se constituem como modelos totalmente independentes.

O segundo capítulo propõe-se a apresentar duas principais relações da fantasia na obra freudiana, a da criação e a da defesa. Ambas são teorizadas e referidas a partir dos textos específicos sobre o brincar e fantasia e de outros que relacionam brincar, defesa e criação com o infantil do adulto e a dinâmica pulsional.

O terceiro capítulo aborda a importante e paradigmática perspectiva freudiana de que a filogênese se reflete na ontogênese em cujo imaginário originário se funda a civilização se refletida na transmissão herdada. Pretende-se discutir como se situa o enigma da transmissão geracional e do papel do ambiente neste processo.

A conclusão propõe-se a retomar o objetivo principal e tentar responder a questão-problema, verificando se é possível a vida ter sentido sem a capacidade de fantasiar. Pretende-se, ainda, precisar o uso de Freud do conceito de fantasia, tanto em relação a sua origem, quanto à sua função, considerando-se as transformações produzidas ao longo de sua obra.

Os três capítulos descritos seguiram uma orientação metodológica visando a dialogar entre os textos freudianos, apontando suas analogias, contradições, imprecisões e especulações. Buscou-se, também, demonstrar que a obra de Freud ainda é um paradigma para muitos autores contemporâneos e uma referência teórica indispensável para compreender o psiquismo humano. Em virtude do prazo imposto para a entrega da

pesquisa, algumas análises não puderam ter sido contempladas, particularmente as do funcionamento das fantasias que sustentam os delírios individuais e coletivos (religiosos, políticos e os decorrentes das histerias coletivas, entre outros) e as fantasias de cunho eminentemente destrutivas, embora sejam citadas ao longo dos três capítulos; contudo, considera-se que as formulações mais importantes estejam descritas nestes três capítulos e na conclusão. Acredita-se que a originalidade desta tese encontra-se nas linhas escolhidas para abordagem do conceito de fantasia, descritas nos capítulos e na classificação apresentada na conclusão. Na revisão e pesquisas bibliográficas, não se encontrou perspectiva idêntica a abordada nesta tese, nem a classificação e análise das fantasias propostas na conclusão.

Espera-se que esta pesquisa que foi tão importante a este autor, tanto do ponto de vista pessoal, quanto acadêmico e clínico, possa contribuir para uma compreensão mais ampla do importante papel que a fantasia desempenha na constituição do psiquismo e na função de produzir um sentido para a vida e, assim, ajudar a outros sujeitos a descobrirem, caso possam e desejem, os caminhos que dissolvem as fantasias que oprimem e os que revelam aquelas que se dirigem para a criação.

## 1 A CONSTRUÇÃO E A FUNÇÃO DA FANTASIA NO FUNCIONAMENTO DO PSIQUISMO

*"Teoria é bom, mas não impede que as coisas existam" (Charcot in Freud, 1893)*

Pode-se estabelecer como um marco da ruptura entre o localizacionismo cerebral e os sintomas histéricos, as descobertas produzidas por Charcot, Breuer e Freud. Sob esse olhar histórico, procurou-se analisar o que parece ser o surgimento do conceito de fantasia na obra psicanalítica freudiana, que, para alguns, se constitui como o "objeto psicanalítico por excelência" (Laplanche & Pontalis, 1993:40) e tema principal desta tese. Deveu-se, inicialmente, no que se pretende considerar como o protótipo dessa gênese, situando-a nas conferências de Charcot, em seus estudos sobre a histeria.

Os estudos, que valorizam as subjetividades na compreensão dos sintomas, iniciados com Charcot, produzem uma linhagem de narradores de suas experiências que vieram a mudar o rumo do entendimento da mente<sup>7</sup> humana ou como passará a ser chamado neste texto de psiquismo. Considera-se que a semente do conceito de fantasia está presente desde as análises sobre a etiologia das histerias, quando Freud afirmava que os sintomas físicos das histerias não poderiam ser compreendidos independentes de uma série de distúrbios psíquicos, mas que estavam, ainda, fora de sua compreensão.

---

<sup>7</sup> NAT: *Mente (seele)* é aqui utilizada em um sentido amplo, que inclui a experiência corpórea como estrutura da própria mente e não somente o cérebro como seu representante; além de não ficar restrito ao conceito de consciência incluindo o inconsciente. Na EA o termo mais usado é *anima* e *anímico*; na SEB é *mente* e *mental*; e no dicionário comentado do alemão de Freud de Luiz Alberto Hanns, a tradução mais adequada à língua portuguesa é *psíquico* e *psiquismo*. (Hanns, 1996:335).

Charcot e Freud acreditavam que, no futuro, seriam encontradas muitas explicações para o que, até então, parecia incompreensível. Destaca-se uma interpelação, onde parece surgir essa semente:

"Esses distúrbios psíquicos são alterações no curso e na associação de idéias, inibições na atividade da vontade, exagero e recalque dos sentimentos, etc. - que podem ser resumidos como alterações na distribuição normal, no sistema nervoso, das quantidades estáveis de excitação". (Freud, EA, 1888a/1996:85).

A relação estabelecida entre o somático e o psíquico, em especial, *as alterações no curso das idéias*, faz pensar numa primeira articulação entre uma produção ideativa vinculada ao soma, que ainda não era propriamente compreendida, mas que podia ser observada e comprovada, à época, por meio da hipnose.

Sobre essas idéias, mesmo não tendo sido nomeada, já é possível notar o papel da fantasia quando Freud relata que a histeria podia ser observada em mulheres que se sentiam com total ausência de sua genitália, sem que essa constatação anatômica pudesse ser comprovada. Mais ainda, propunha que na etiologia de todas as neuroses teria que ser admitido um papel importante do funcionamento da vida sexual. A problemática relativa ao trauma na histeria mereceria duas considerações: uma predisposição anterior aos ataques, não detectada e a detecção de como certos traumas que afetavam partes do corpo, tornavam-se o *loci* de histerias locais, sem qualquer correlação de ordem fisiológica. Relacionando o sintoma da histeria com fenômenos da vida cotidiana, Freud demonstrava que certas mulheres histéricas tinham seus ataques desaparecidos durante os primeiros anos de casamento e que, após o esfriamento das relações conjugais, estes reapareciam. Nota-se,

aqui, a afirmação de uma estrutura sintomática que está presente, desaparece durante um período de provável satisfação e retorna diante de um momento posterior, geralmente relacionada com a sexualidade.

Seguindo a idéia de uma evolução dos distúrbios histéricos sugere que estes, em muitos casos, tendem a passar por um período de incubação, "ou melhor, um período de latência, durante o qual a causa desencadeante continua atuando no inconsciente" (Freud, EA, 1888a/1996:85).

Em outro ponto importante levantado por Freud, pode-se observar a semente das idéias de identificação e repetição, quando afirma que a atitude de familiares diante dos histéricos, tais como alarme e excesso de preocupação, só reafirma nos pacientes um aumento de excitação e suas tendências. Relata, ainda, que se um paciente em determinada hora costuma ter um ataque, os familiares já esperam, pela via da regularidade, a expressão deste ataque, muitas vezes antecipando a irrupção do sintoma "*com isso assegurando a repetição do evento temido*" (Freud, EA, 1888a/1996:91).

Acerca da relação entre a *idéia e o soma*, Freud, baseado nas teorias de M. Janet começa a pensar que, na histeria, há uma causa que relaciona as concepções de *corpo* que são mais bem compreendidas sob uma perspectiva perceptiva, do que sob a visual, neuroanatômica, levando-o a fazer a seguinte indagação: "... na paralisia histérica, a lesão será uma

modificação da concepção (representação)<sup>8</sup>, da idéia de braço, por exemplo. Mas, que espécie de modificação será essa, capaz de produzir paralisia?" (EA, 1888b/1996:213).

Visto sob a ótica psicológica, Freud sustenta que, na lesão causada pela histeria, a concepção da parte afetada do corpo não estava associada com as outras idéias constituintes do eu do qual o corpo do indivíduo forma uma parte importante. A acessibilidade associativa da concepção de determinada parte do corpo estava abolida.

Numa perspectiva antropológica, Freud correlacionava esse fenômeno da histeria com os mitos primitivos de certas tribos selvagens que, quando da morte de seu chefe, queimavam seu corpo, seu cavalo, seus objetos e até suas esposas, obcecados pela idéia de que ninguém deveria tocá-los. A relação estabelecida é de haver uma quantidade de afeto que se vincula com a primeira associação e que oferece resistência a entrar numa rede de associações com outros objetos, criando, assim, uma barreira de inacessibilidade à idéia primária, à ligação do primeiro objeto. Constata-se, novamente, uma noção implícita de fantasia, observando-se, pela primeira vez, uma associação entre filogênese e ontogênese<sup>9</sup>. Freud afirma que não se trata de uma mera comparação, mas que é basicamente o mesmo processo, se o relacionarmos com a psicologia das concepções. Diante de um dos temas centrais desta tese, revela-se o nascedouro de uma criação singular como vinculada a uma criação coletiva.

---

<sup>8</sup>NAT: *representação* é um termo da tradução da EA e *concepção* é da SEB

<sup>9</sup>NAT: Essa associação é estudada no capítulo 3 desta tese.

Outro aspecto importante desta explicação afirma-se na medida em que surge a primeira referência aos processos subscientes<sup>10</sup>, ao reconhecer a inacessibilidade de uma concepção investida de uma grande carga de afeto com outras associações. Assim, uma parte do corpo estará paralisada em proporção com a persistência dessa quantidade de afetos ou com a diminuição por intermédio de meios psíquicos apropriados e "...em todos os casos de paralisia histérica verificamos que o órgão paralisado ou a função abolida estão envolvidos numa associação subsciente que é revestida de uma grande carga de afeto" (EA, 1888b/1996:208).

Na medida em que essa carga afetiva é eliminada, os movimentos das partes do corpo que estão paralisados são logo liberados. A hipótese, nesse momento, se sustenta sob a idéia de que a concepção de parte do corpo paralisada encontra-se presente no substrato material, contudo não está acessível à consciência, em virtude do fato de que o conjunto das afinidades associativas está "impregnado de uma associação subsciente com a lembrança do evento, o trauma, que produziu a paralisia" (EA, 1888b/1996:208).

Em síntese, Freud afirmava que o Eu apresenta uma capacidade de agir por meio de uma reação motora ou por uma atividade psíquica associativa, quando submetido a eventos ou impressões psíquicas. Todos os eventos e impressões que o Eu recebe estão revestidos de certas quantidades de afeto. Quando surge uma impossibilidade de eliminar esse afeto excedente, a lembrança constitui-se como um trauma, tornando-se causa de sintomas histéricos.

---

<sup>10</sup>NAT: Freud utiliza, inicialmente, o termo subsciente, o qual seria abandonado ao longo da obra.

A fixação dessa concepção de parte do corpo numa associação subconsciente com a lembrança do trauma é a responsável pela alteração funcional. A resolução desse problema é pela via da descarga motora equivalente ou por uma forma de atividade psíquica consciente que seja capaz de eliminar essa carga de afeto.

### **Sobre a Hipnose**

*Ainda devemos ser gratos à velha técnica da hipnose por nos ter mostrado os processos psíquicos simples da análise, numa forma isolada ou esquemática. Só isto pôde nos dar a coragem de construir, no tratamento analítico, situações mais complexas, e de mantê-las claras diante de nós" (Freud, EA 1914/1969:150)*

Deve-se a Joseph Breuer, em Viena, a adoção do método da hipnose, como meio de levar os pacientes histéricos a remontarem suas pré-histórias psíquicas da doença, buscando na rememoração do evento original que criou o seu sintoma encontrar uma estratégia de expressão que o havia paralisado naquele momento.

Freud considerava a hipnose, em princípio, como o método mais eficaz para tratar as histerias, pois partia do princípio das experiências espontâneas de seus pacientes quando diante de expressões do impulso inibido em situações da vida cotidiana, conseguiam eliminar seus sintomas, por exemplo, em descargas de raiva ou sob a excitação de um fenômeno da ordem dos efeitos religiosos.

A hipnose trouxe algumas contribuições importantes para o funcionamento da vida psíquica. Uma delas diz respeito ao papel da sugestão, amplamente discutido nos círculos



médicos da época, onde duas correntes se distinguiram pelas idéias: Charcot sustentava que "a sugestão não passava de uma forma leve de hipnotismo e Bernheim, que a hipnose era simplesmente produção de sugestão" (EA 1888c-1892/1996:73). A utilização da sugestão direta e do método catártico pela hipnose seriam ainda aplicados por Freud especialmente entre o período de 1886 e 1896.

Sobre o papel da sugestão, pelo método desenvolvido pelo Dr. Bernheim, de Nancy, Freud assinala que esta rompia com a concepção médica de que a hipnose era um absurdo. A sugestão aparece-nos, como um dos protótipos da psicanálise, em que Freud ressalta seu papel como núcleo do hipnotismo.

Mas, o que se aprenderia efetivamente com o papel da sugestão na hipnose? Freud diria que com os estudos de Bernheim, aprendia-se que a hipnose era capaz de demonstrar:

"as relações que vinculam os fenômenos hipnóticos aos processos correntes da vida de vigília e do sono, e no ato de trazer à luz as leis psicológicas que se aplicam a ambos os tipos de eventos. Com isso, o problema da hipnose é inteiramente transposto para a esfera da psicologia, e a 'sugestão' é erigida como núcleo do hipnotismo e chave para sua compreensão". (EA 1888d-1889/1996:81).

Por outro lado, as idéias de Charcot defendiam que:

"a hipnose de pacientes histéricos não teria nenhuma característica própria; mas todo médico teria a possibilidade de produzir, nos pacientes que hipnotizasse, qualquer sintomatologia que desejasse." (EA 1888d-1889/1996:84).

As críticas de Freud a ambos, Charcot e Bernheim, situam-se na discussão da primazia entre o efeito psicológico e o efeito orgânico diante da clínica. Esse debate que privilegia ora a idéia e ora o soma, vislumbra certas questões sobre a fantasia e a gênese do processo

da transferência. Freud se convencia, cada vez mais, que os fenômenos histéricos eram regulados por leis. Em síntese, as duas idéias poderiam ser assim resumidas:

"Uma corrente, cujas opiniões Bernheim exprime..., sustenta que todos os fenômenos do hipnotismo têm a mesma origem: isto é, surgem de uma sugestão, de uma idéia consciente, que foi introduzida, mediante uma influência externa, no cérebro da pessoa hipnotizada e por esta foi aceita como se tivesse surgido espontaneamente. Sob esse ponto de vista, todas as manifestações hipnóticas seriam fenômenos psíquicos, efeitos de sugestões. A outra corrente (Charcot), pelo contrário, sustenta a opinião de que o mecanismo de pelo menos algumas das manifestações do hipnotismo se baseia em modificações fisiológicas - ou seja, em deslocamentos da excitabilidade no sistema nervoso, que ocorrem sem a participação das partes do mesmo que operam com a consciência; os adeptos dessa corrente falam, portanto, dos fenômenos físicos ou fisiológicos da hipnose". (EA 1888d-1889/ 1996:83).

Freud considerava a tarefa de não dividir os fenômenos hipnóticos em fisiológicos e psíquicos como um desafio urgente. Precisava descobrir o que os vinculava.

### **Novos achados sobre a hipnose: lembranças e trauma**

Nos relatos, Freud, examinando pacientes histéricos sob hipnose, começou a formular novas hipóteses, tais como a compreensão que

"o ponto central de um ataque histérico é uma lembrança, a revivescência alucinatória de uma cena que é significativa para o desencadeamento da doença...o conteúdo da lembrança geralmente é um trauma psíquico, que, por sua intensidade, é capaz de provocar a irrupção da histeria no paciente, ou é um evento que, devido à sua ocorrência em um momento particular, tornou-se um trauma" (EA, 1892/1894/1996: 171)

Trauma seria definido por Freud como um *acréscimo de excitação* ao sistema nervoso, que é incapaz de fazer dissipar-se adequadamente pela reação motora (ESB, 1892/1894 /1996: 179). Nesse sentido, os ataques histéricos poderiam ser considerados como "tentativa de reação ao trauma" (EA, 1892/1894/1996: 171).

A idéia de conflito psíquico vai se tornando cada vez mais elaborada. Passa a se reconhecer nos mecanismos internos dos estados histéricos um conflito decorrente da emergência de 'um material sob a forma de idéias e impulsos à ação que a pessoa, em seu estado sadio, rechaçou e inibiu, muitas vezes, mediante um grande esforço psíquico". (EA, 1892/1894 /1996:172). Relacionando estas observações com os estudos sobre os sonhos, desenvolvidos, em que se mostravam conteúdos rejeitados durante a vida diurna, Freud passou a formular uma teoria de *contravontade histérica*, que, se acredita, já poderia ser vislumbrada como uma gênese do conceito de recalçamento. Enquanto Charcot defendia a idéia de que a etiologia dos ataques histéricos era a hereditariedade, Freud, cada vez mais, se inclinava a relacionar os sintomas histéricos e outras fobias na esfera das *anormalidades da vida sexual*.

Escrevendo a Breuer<sup>11</sup>, estabelece novos rumos para a compreensão da teoria da histeria. Tentando organizar as idéias até então produzidas, ele as organiza de forma com que as novas teorias estabeleçam três parâmetros principais: o teorema referente à constância da soma de excitação, a teoria da memória e o teorema que estabelece que os conteúdos dos diferentes estados de consciência não estão relacionados entre si. Em síntese, estas teorias sustentam que sonhos, auto-hipnose<sup>12</sup> e afetos, como sintomas crônicos são deslocamentos de somas de excitações que não foram dissipadas. O motivo do deslocamento é a tentativa de reação e o da persistência estaria na dissociação dos estados de consciência. Por outro lado, a origem dos estigmas histéricos lhe era *altamente obscura*. Considera-se instigante

---

<sup>11</sup> Artigo "Esboços para a comunicação preliminar de 1893".

<sup>12</sup> NAT: Estados hipnóides.

que já nesse período Freud pudesse ser capaz de intuir os aspectos dinâmicos, tópicos e econômicos do psiquismo humano.

A predisposição histérica passa a ser atribuída a produções das causas internas e/ou por fatores desencadeantes externos, contudo o que mais lhe parecia provável é que ambas estivessem combinadas. Para que tal fenômeno se faça cada vez mais compreensível, Freud sustenta que é indispensável supor a hipótese de uma dissociação - *uma divisão no conteúdo da consciência* (EA, 1892/1894 /1996:188). Quais formulações sustentariam, nesse momento, essa idéia de divisão?

Primeiramente, Freud afirma sua concepção de que o elemento que se repete nos casos histéricos é um certo revivescimento de um estado psíquico que já foi vivido anteriormente, ou, em suas palavras *o retorno de uma lembrança*. Suas observações confirmam que os fenômenos motores de cada expressão de histeria não são desvinculados de seu conteúdo psíquico. Em segundo lugar, *o retorno de uma lembrança* não se trata simplesmente de qualquer lembrança, mas sim daquela, cujo retorno do evento foi o responsável pela irrupção da histeria - *o trauma psíquico*. Essas idéias remetem à presença de uma lembrança que representa o trauma vivido anteriormente.

Numa terceira argumentação, essa lembrança é levada à categoria de lembrança inconsciente<sup>13</sup>, ou como Freud tentaria apreender o funcionamento psíquico naquele instante: haveria no psiquismo duas formas de consciência: o primeiro estado de

---

<sup>13</sup> NAT: O uso do termo inconsciente nessa frase é da ordem da trama enfática, não se referindo ao conceito inconsciente como sistema, ou seja, como da ordem de uma trama de articulação, tal como descrito por Hanns. (OP, 2004:17/18).

consciência seria a consciência "normal" e o segundo estado é aquele que se encontra afastado da consciência. Assim, a lembrança inconsciente estaria localizada no segundo estado de consciência, que se encontra organizado em diferentes graus, dependendo das características da histeria. Para explicar o ataque histérico, sob essa perspectiva, Freud argumentaria que durante estes ataques o paciente estaria parcial ou totalmente neste segundo estado de consciência.

Formulando premissas para compreender as origens dessas lembranças, Freud sugere que estas são produtos de experiências que o paciente procura esquecer, inibindo e suprimindo idéias, localizando esses atos psíquicos na segunda consciência, sem, contudo desaparecerem. Estes retornam sob a forma de ataque histérico. A idéia de constância energética apresenta-se como o mantenedor desse equilíbrio, buscando eliminar o excesso de excitação ou descarregando-o por meio de uma ação motora específica.

Na histeria ocorre que essas lembranças/impressões não conseguem efetuar uma descarga adequada, porque o paciente

"se recusa a enfrentá-las, por temor de conflitos mentais angustiantes, seja porque (tal como ocorre no caso de impressões sexuais) o paciente se sente proibido de agir, por timidez ou condição social, ou, finalmente, porque essas impressões num estado em que seu sistema nervoso estava impossibilitado de executar a tarefa de eliminá-las" (EA, 1892/1894 /1996:190).

Reunindo essas idéias, Freud vem a redefinir como trauma psíquico "toda impressão que o sistema nervoso tem dificuldade em abolir por meio do pensamento associativo ou da reação motora (EA, 1892/1894 /1996: 190)".

## Sexualidade, tensão e afeto

Argumentar que a sexualidade é um dos componentes dos sintomas histéricos era uma idéia que não condizia com a moral vigente. Em seu rascunho B para Fliess (EA, 1893/1996:23), Freud pedia que este mantivesse esses escritos "longe de sua jovem esposa". Entretanto, a afirmação (1886)<sup>14</sup> de que toda a neurastenia<sup>15</sup> é sexual passa a ter um cunho definitivo em sua teoria. A descrição dos sintomas era classificada como: 1) hipocondria quando a angústia estava relacionada com o corpo; 2) agorafobia, claustrofobia e vertigem em lugares altos, que seria uma angústia relacionada ao funcionamento do corpo e 3) nas ruminções obsessivas e *folie de doute*<sup>16</sup> que seria uma angústia relacionada com as decisões e a memória, ou seja, com as fantasias de outras pessoas em relação ao funcionamento psíquico de si mesmo.

Na carta 18 para Fliess (EA, carta 18, 1894/1996:227), Freud descreve sua compreensão da ligação entre os sintomas neuróticos, os afetos e a sexualidade. Partindo do pressuposto de uma crença numa vida sexual normal, que começa a ser abalada, estabelece, em relação aos afetos, o que parece ser a primeira impressão sobre a *cisão entre amor e sexo*<sup>17</sup>. Em relação aos mecanismos neuróticos e suas expressões afetivas, concebe três mecanismos de

<sup>14</sup> No artigo "Etiologia das Neuroses".

<sup>15</sup> NAT: "Neurastenia- afecção descrita pelo médico americano George Beard (1839-1883), que compreende um quadro clínico centrado numa fadiga física de origem "nervosa" e sintomas dos mais diversos registros. Freud foi um dos primeiros a sublinhar a extensão excessiva tomada por este síndrome, que deve em parte ser desmontado em benefício de outras entidades clínicas. Nem por isso deixa de conservar a neurastenia como uma neurose autônoma; caracteriza-a pela impressão de fadiga física, as cefaléias, a dispepsia, a prisão de ventre, as parestesias espinais, o empobrecimento da atividade sexual. Fá-la entrar no quadro das neuroses atuais, ao lado da neurose de angústia, e procura a sua etiologia num funcionamento sexual incapaz de resolver de forma adequada a tensão libidinal (masturbação)" (Laplanche & Pontalis, 1983:376)

<sup>16</sup> *Folie de doute* se refere aos quadros de dúvidas obsessivas. Numa tradução ao pé da letra seria "loucura da dúvida" (Larousse 1987).

<sup>17</sup> NAT: Grifo do autor da tese.

direcionamento: as transformações do afeto presentes na histeria de conversão, o deslocamento dos afetos, nas obsessões e a troca de afeto, nas neuroses de angústia e na melancolia. Diante dos desafios observados na clínica, reafirma-se outra cisão *entre a esfera psíquica e a esfera física* (EA, Rascunho E, 1894/1996: 228/231) para descrever suas noções sobre a origem da angústia. Abandona a idéia de que a angústia teria origem na esfera psíquica e sugere que sua produção se deve a um fator físico da vida sexual.

Emerge, então, sua explicação para a angústia como produto de uma transformação em função da tensão sexual acumulada. A histeria e a neurose de angústia são resultantes desse represamento, desse acúmulo de tensão sexual física. Entretanto, ao analisar a melancolia, verifica que nesses indivíduos apresenta-se uma falta da necessidade de relação sexual. Por outro lado, neles se constata um grande *anseio pelo amor em sua forma psíquica*. Buscando estabelecer a origem sexual da melancolia, diria que estes apresentam uma tensão erótica psíquica. Logo, a origem da angústia nas neuroses começava a ganhar suas formas: "onde se acumula tensão sexual física - neuroses de angústia. Onde se acumula tensão sexual psíquica - melancolia" (EA, Rascunho E, 1894/1996:231)

Nessa perspectiva econômica da teoria da angústia, encontra-se, no que diz respeito à melancolia, uma compreensão de que *o afeto correspondente à melancolia é o luto*.<sup>18</sup> Em outras palavras, o melancólico deseja recuperar algo que foi perdido, supondo-se que seja da ordem da vida pulsional. Relacionando melancolia com anorexia, Freud sustenta ser, esta última, a expressão de uma sexualidade não desenvolvida. A falta de apetite, ou sua perda podem representar a perda da libido. Assim, a melancolia poderia ser pensada como

---

<sup>18</sup> NAT: Melancolia e luto seriam concebidos mais tarde de forma distinta (1917/1915).

um luto por perda da libido. A dimensão econômica da neurose sinaliza que a potência está mais vinculada às neuroses de angústia e à impotência aos estados melancólicos (EA, Rascunho G, 1895/1996:240)

### **Defesas, lembranças e recalque.**

As chamadas aberrações<sup>19</sup> se contrapõem a estados afetivos "normais"<sup>20</sup> e que podem ser detectados na histeria pelos conflitos, na neurose obsessiva pela autocensura, na paranóia pela mortificação e no luto pela amênia<sup>21</sup> alucinatória aguda. As causas precipitadoras são de natureza sexual e ocorrem durante a infância, num período anterior à maturidade sexual, condições, nas quais, Freud viria a denominar de sexualidade e infantilismo. Constituídos na vivência do indivíduo, Freud minimiza e praticamente descarta a possibilidade da "hereditariedade"<sup>22</sup> vir a ser um determinante para a escolha das defesas neuróticas.

Partindo da lei da constância da soma de excitações, Freud afirma ser normal a tendência às defesas, na medida em que estas surgem como medidas para dirigir a energia psíquica, a fim de evitar o desprazer. Contudo essas defesas não podem se impor às percepções, mas somente às lembranças e aos pensamentos.

---

<sup>19</sup> NAT: Freud estabelece que as neuropsicoses de defesa são **aberrações** patológicas

<sup>20</sup> NAT: Aspas do autor desta tese.

<sup>21</sup> NAT: demência - Novo Dicionário Aurélio

<sup>22</sup> NAT: Posteriormente, Freud irá rever e relativizar essa afirmação.



As tentativas de compreender a origem do recalque e a escolha de defesa se complexificam nas idéias de Freud. Curiosamente, ele levanta a hipótese de que a produção de desprazer na vida sexual pode, inclusive, ter uma fonte independente gerando repulsa e reforçando a moralidade. Talvez, esta possa ser uma semente daquilo que viria a ser, num futuro próximo, concebido como Supereu. Assumindo que a teoria do processo sexual ainda era uma incógnita, Freud afirma que não tem respostas para explicar, no recalçamento, a origem do desprazer.

Sobre o recalçamento, Freud já pode afirmar alguns pontos, como, por exemplo, que a(s) experiência(s) sexual(is) traumática(s) da infância sofre(m) recalque(s); o recalçamento num período posterior é o que desperta a lembrança primitiva, criando um sintoma primário; criação de defesas neuróticas diante do sintoma primário e, por fim, a idéia primeira do retorno do recalcado, ao sugerir que diante do retorno das idéias recalcadas, em suas lutas internas e com o Eu, novos sintomas são formados, criando a base da neurose. Esta fase é denominada de "ajustamento, de ser subjugado, ou de recuperação de uma má formação" (EA, Rascunho K, 1895/1996:262). E conclui, nesta reflexão, que cada neurose tem sua determinação em função do modo como se realiza o recalque. E como atuam as lembranças na sua relação com o recalque produzindo neuroses?

Na neurose obsessiva, a experiência primária é acompanhada de prazer. O processo da autocensura - que é inicialmente consciente - origina a sensação de desprazer. Para proteger o indivíduo deste desprazer, lembrança e autocensura são recalcadas, criando-se em seu lugar um sintoma antitético com um perfil de escrupulosidade. Durante a "maturidade sexual" emerge o retorno do recalcado, por meio da autocensura como um

sentimento de culpa sem qualquer conteúdo. Esse conteúdo precisa ser representado. Ocorrem, então, duas distorções para constituírem suas significações. A primeira diz respeito à ligação desse sentimento de culpa na ação presente, como uma distorção no tempo, e a segunda, quanto ao conteúdo propriamente dito, pois não se trata mais da ação presente real, mas um substituto eleito como categoria análoga, "mas falso, em virtude do deslocamento e da substituição por analogia" (EA, Rascunho K, 1895/1996:264).

Buscando esclarecer melhor os sintomas da neurose obsessiva, Freud descreve a sintomatologia das obsessões e compulsões partindo das idéias dos sintomas provocados pelas defesas secundárias que emergem diante da luta defensiva do Eu contra a obsessão. Inicialmente, o afeto proveniente da autocensura pode transformar-se em outras formas de afetos mediante mudanças que ocorrem em diversos processos psíquicos. Assim, os afetos podem ter acesso à consciência, de forma distorcida do afeto primário, tomando formas tais como angústia (medo proveniente da autocensura), hipocondria (medo dos efeitos corporais), delírios de perseguição e vergonha (medo de alguém saber), entre outros.

O Eu reconhece, em algum nível, um estranhamento nessa obsessão, contudo, pode, por vezes, ser subjugado por esta, quando está suscetível a uma melancolia transitória. Nesse conflito do Eu contra o domínio das obsessões, resultam os sintomas secundários que se configuram por uma exacerbação do sentimento da escrupulosidade e, por compulsões a investigar detalhadamente as coisas e acumulá-las; além do deslocamento para os impulsos motores gerando ensimesmamento, compulsões para a bebida, rituais protetores e *folie de doute*. Freud observa que as dissociações entre as idéias e os afetos encontram-se substituídas e transferidas para outros deslocamentos, que se constituem no sintoma da

neurose obsessiva. O trabalho clínico consistiria em desfazer a trama das substituições e transformações de idéias e afetos, respectivamente, visando à emergência dos fatores primários desencadeantes e, assim, poderem ser julgados pelo Eu, no momento presente.

No tocante à paranóia, Freud reconhece seu desconhecimento quanto às suas origens nas relações de prazer e desprazer na experiência primária. Contudo busca estabelecer alguns parâmetros do funcionamento do recalque e do papel das lembranças em relação ao mecanismo da neurose obsessiva, parecendo-lhe que a natureza da experiência primária possa se parecer entre ambas. O recalque surge após a respectiva lembrança ter causado desprazer, apesar de Freud não compreender muito bem como isso acontece nesse momento (EA, Rascunho K, 1895/1996:266/267). Não há formação de autocensura e nem posterior recalque proveniente dela. Ocorre então que o desprazer, não podendo surgir de um mecanismo introjetado, é então projetado às pessoas que se relacionam com o paciente<sup>23</sup>. A desconfiança dos outros é constituída como um sintoma primário. Nesses casos, o retorno da experiência pode ser por meio do afeto aflitivo e/ou da lembrança. O retorno por meio da lembrança volta sob a forma de pensamentos alucinatórios visuais ou sensoriais, e o afeto recalcado por alucinações auditivas. As lembranças que retornam não são substituídas como na neurose obsessiva; elas são distorcidas por imagens equivalentes retiradas do momento presente vivido. A distorção é, portanto, cronológica. Na medida em que a crença está desvinculada da autocensura primária, sem sua respectiva formação de sintomas de compromisso, assume o comando irrestrito dos mesmos. A defesa fracassa diante do retorno do recalcado, permitindo a formação de delírios.

---

<sup>23</sup>NAT: Freud utiliza a denominação de paciente, que o autor da tese procurou manter na medida em que evoca o caráter particular dos sintomas, sem ainda situá-los na universalidade da constituição humana.

Na histeria, Freud supõe uma experiência primária de desprazer que vem a determinar como de natureza passiva<sup>24</sup>, justificando ser mais comum nas mulheres, por estas apresentarem uma passividade sexual natural. Nos casos clínicos de histeria com homens, essa condição primária de passividade sexual também se encontrava presente. Acreditando que os eventos causadores de prazer possam ter um prosseguimento independente, sugere que essas experiências de desprazer não ocorrem numa idade muito precoce, caso contrário teriam o mesmo destino que as neuroses obsessivas. O Eu, não suportando a produção da tensão que gera desprazer, cria saídas via manifestação de descargas observáveis, em geral, por uma expressividade exagerada de excitação. O recalque, a formação de sintomas e a conexão com a lembrança ocorrem, posteriormente. A partir de então, a defesa e a subjugação do Eu observados pela formação dos sintomas e a irrupção dos ataques podem combinar-se sob os mais diversos graus.

O recalque na histeria, diferente da idéia antitética das obsessões, é constituído por uma idéia limítrofe bastante intensa representada após a lembrança no fluxo do pensamento. Freud denomina de limítrofe, em virtude do fato de pertencer, por um lado, ao Eu e, de outro, ao ganhar os contornos de uma parte *não distorcida da lembrança traumática* (EA, Rascunho K, 1895/1996:267). Nesse sentido, torna-se o resultado de um compromisso, sem expressão substitutiva, mas caracterizada pelos deslocamentos da atenção que relaciona uma série de idéias, vinculadas a uma simultaneidade temporal. A manifestação motora

---

<sup>24</sup> NAT: Essa idéia de ativa/passiva relativa à neurose obsessiva e à histeria, respectivamente, pressupunham um certo conceito moral de que a atividade é uma função masculina, e a passividade, feminina. Esta idéia foi abandonada posteriormente por Freud, em 1906. Contudo, reaparece ao longo da obra sobre formas mais complexas, como por exemplo no *O problema econômico do masoquismo*.

como saída para o evento traumático é a expressão da idéia limítrofe e o primeiro símbolo do material recalado. Trata-se, portanto, mais de uma lacuna na psique do que propriamente a supressão de uma idéia.

### **Lembranças, cenas e fantasias.**

Em sua carta 46 para Fliess (1896a), Freud introduz a noção de cena sexual que pode ser considerada como a idéia precursora da cena primária. Neste documento, a concepção de cena sexual vem agregar-se às noções anteriormente descritas sobre defesas, recalque e lembranças.

Com relação aos tipos de neuroses, destaca-se que, na histeria, as cenas sexuais são vividas nos quatro primeiros anos de vida e, por isso, "os resíduos mnêmicos não são *traduzidos* em imagens verbais" (EA, Carta 46, 1896/1996:270). O impedimento à tradução é devido ao formato conversivo da histeria, em função do excesso de sexualidade, atuando em conjunto com a defesa.

As cenas sexuais da neurose obsessiva originam-se no período entre quatro e oito anos, quando já é possível *traduzi-las* por meio de palavras. Quando despertadas no período da pré-puberdade podem se constituir em sintomas obsessivos. Na paranóia, Freud situa as cenas no período da pré-puberdade, despertando na maturidade e tendo como defesa principal a desconfiança. Para a escolha da neurose não importa o período em que se dá o

recalque, mas sim aquele no qual ocorre o evento da cena. A natureza desta é que é capaz de dar origem ao tipo de defesa<sup>25</sup>.

A noção de *tradução* que parece antecipar o conceito de elaboração era definida de forma tateante por Freud. Ele sugeria que o recalçamento seria uma falha na *tradução*. A razão disso seria sempre em virtude do desprazer gerado por uma tradução, provocando um distúrbio do pensamento. A defesa patológica surge para se contrapor a um traço mnêmico primário, que ainda não foi traduzido (EA, Carta 52, 1896b/1996:275).

Certo de que os resíduos mnêmicos eram caracterizados por experiências sexuais vividas e, mais especificamente, em relação à histeria, Freud relata que o seu ponto fundamental é o fato de ser o resultado de uma *perversão* por parte do sedutor, e mais se convence de que este é *o próprio pai* do paciente. O ataque histérico não pode mais ser reduzido a uma descarga, mas a uma ação caracterizada por representar a reprodução do prazer. Em virtude da característica de representar uma ação, Freud estabelece que os ataques histéricos são sempre endereçados a uma outra pessoa, sendo que esta *outra* do presente estará sempre no lugar de uma outra anterior, *pré-histórica e inesquecível* (EA, Carta 52, 1896/1996:279). Convicto de que o trauma sexual vivenciado é o responsável pelos sintomas, Freud desenvolve a idéia de que a psicose é proveniente de abuso sexual decorrente antes dos 15/18 meses de idade.

---

<sup>25</sup> NAT: As concepções descritas nesse parágrafo são anteriores à compreensão da descoberta da sexualidade infantil. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, 1905.

A partir da Carta 56 para Fliess, datada de 17 de janeiro de 1897, Freud aprofunda seu percurso no campo da antropologia, o que vem a redirecionar e a modificar seu entendimento sobre a etiologia das neuroses. Começa a construir a dimensão fantasística dos sintomas. O diabo<sup>26</sup> e as bruxas que assombraram a idade média passam a servir de sinais renovadores para a compreensão do psiquismo. Analisando a teoria medieval demoníaca, Freud encontra os mesmos elementos presentes na histeria, como a teoria de um corpo estranho e de uma divisão na consciência. Observa que os testemunhos das "bruxas", feitos sob tortura, se pareciam com as mesmas comunicações feitas por seus pacientes. Bruxas, diabos, palavrões, cantigas e hábitos da infância começam a ter significações na sintomatologia da histeria. Em sua carta 59, Freud declara, textualmente:

"...o aspecto que me escapou na solução da histeria está na descoberta de uma nova fonte a partir da qual surge um novo elemento da produção inconsciente. O que tenho em mente são as fantasias históricas, que, habitualmente, segundo me parece, remontam a coisas ouvidas pelas crianças em tenra idade e compreendidas somente mais tarde. A idade em que elas captam informações dessa ordem é realmente surpreendente - dos seis ou sete meses em diante!..."(EA, 1897c/1996:285).

Neste pequeno trecho, constata-se a descoberta das fantasias na histeria, seu caráter inconsciente e, principalmente, a precocidade da sua constituição, remetida aos primeiros meses de vida, e a compreensão a posteriori daqueles conteúdos fragmentados na memória do indivíduo. Claudicante entre as novas contribuições produzidas pela noção de fantasia e arraigado às idéias de cenas sexuais primárias, Freud passa a tentar articular ambas. Reconhece o conteúdo fantasístico, mas como um escudo, uma ficção protetora das cenas sexuais. As lembranças responsáveis pela produção do recalçamento têm de ser abandonadas e passam a dar lugar a impulsos derivados das lembranças e decorrentes das

---

<sup>26</sup> NAT: Ainda hoje presente nas religiões e evocado pelos fundamentalistas.

cenar primevas. O caminho para se chegar, no tratamento clínico, às cenar primevas tinha que passar pelas fantasias, pois sua função era de obstruir as lembranças.

As fantasias constituem-se de coisas experimentadas e de coisas ouvidas. Esta definição é muito importante, pois estabelece um princípio fundamental para construção desse conceito, tão caro à psicanálise. Em outras palavras, a fantasia é um produto de experiências corporais articuladas com as do campo da linguagem. Não compreendidas em seu princípio, mas constituintes mnemônicos do aparelho psíquico. Construção de um pensamento que se ergue sem compreensão lingüística racional, apesar de ser também constituído por esta.

Reverendo seus casos clínicos a partir de novas interpretações influenciadas pela noção de fantasia, Freud se pergunta, tendo Fliess como testemunha: "*Edições múltiplas das fantasias estarão também retrospectivamente vinculadas à experiência original?*" (EA, Rascunho L 1897d/1996:291). Com essa dúvida em mente, emergindo com sua produção sobre a teoria dos sonhos e a noção de realização de desejo, a certeza da existência de cenar sexuais universais para os sintomas histéricos começa a ruir. Freud passa a estabelecer associações entre as fantasias e os sonhos, conseqüentemente, com a vinculação entre fantasia e desejo. Estas associações provocam uma reviravolta na teoria das neuroses, a ponto de Freud escrever que toda essa reflexão fermentava dentro dele e o estava atormentando, gerando imobilidade, mau humor e paralisia para descrever e comunicar o que se passava com ele (EA, Carta 67, 1897e/1996:301).



Até que, em 21 de setembro de 1897, na sua carta 69 para Fliess, Freud afirma: "não acredito mais na minha neurótica (teoria das neuroses)" (EA,1897f/1996:301). Esta declaração encerrava, além de um ciclo de angústias cognitivas, a determinação de que os conteúdos das lembranças eram relativos a experiências sexuais realmente vividas. Por outro lado, abria-se todo um horizonte para o reconhecimento das fantasias, dos desejos, da sexualidade infantil e do drama familiar constitutivo do Complexo de Édipo.

Antes de descrever os pontos nos quais Freud sustenta essa virada na teoria (e na clínica), deve-se ressaltar, em seus escritos, o compromisso investigativo da verdade clínica que, em seus impasses, o coloca numa posição de não ter vergonha em reformular seus escritos, seu pensamento, seu olhar e atenção teórico/clínico. Esta forma de descrever o pensar e o agir, constituídos na díade experiência e conhecimento, como instrumento de criação e transformação nos remete a uma dimensão do saber humano que, para se erigir, não teme equivocarse e, onde os "erros" não são vistos como impedimentos, mas sim como incompletudes da razão para a diversidade da vida. E Freud não abriu mão desta última.

A teoria da neurose sofre uma grande transformação a partir dessa nova compreensão. Freud deduz que a idéia de universalidade de pais que seduzem suas filhas, não poderia mais ser concebida. Primeiro, porque sua auto-análise o levava a colocar em questão o fato de se reconhecer histérico e, assim, teria agido seu próprio pai dessa forma com ele? Segundo, se realmente o número de pais que seduzem seus filhos fossem de tal monta quanto aos relatados e transmitidos pelos pacientes, muito mais provavelmente a grande doença da humanidade seria a perversão em vez da histeria. O terceiro ponto, relevante para essa tese, trata-se da comprovação de que não há indicações da realidade no inconsciente, tornando complexa a tarefa de discriminar entre verdade e ficção, catexizadas com o afeto,

e que, até mesmo as psicoses mais graves não são capazes de revelar, nem em seus mais profundos delírios, o segredo das experiências infantis. Conclui, ainda, que assim como o inconsciente não consegue nunca tornar-se consciente, por não ser capaz de superar suas resistências (do consciente); por outro lado, deduz que o consciente não é capaz de domar totalmente o inconsciente. O que há de realidade na fantasia e o que há de fantasia na realidade? Essa passa a ser não somente uma questão fundamental na obra freudiana, mas como em toda a psicanálise até a presente data.

O Édipo Rei e Hamlet são introduzidos na obra freudiana como as primeiras grandes contribuições literárias, em cujas estruturas míticas encontram-se analogias com os grandes dramas vividos pelos indivíduos em suas neuroses. O reconhecimento da universalidade da paixão pela mãe e do ciúme do pai, da luta da razão e do destino, reafirmam em cada um de nós, a presença de um Édipo dentro de si: o horror da realização do desejo de um estado infantil recalcado para a realidade de seu estado atual que nos faz recuar; ou do castigo infligido a si mesmo por Hamlet, sofrendo inconscientemente por ter desejado matar o pai para ficar com a mãe. Uma vez que seu pai havia sido envenenado pelo próprio irmão - o novo marido da sua mãe -, emerge em Hamlet um forte conflito em assassiná-lo também, apesar de não ter tido nenhum escrúpulo em matar outros homens. Temos ao final, a cena de sua morte por envenenamento por seu próprio tio, tal como havia acontecido com seu pai. O castigo proveniente da culpa inconsciente reproduz uma cena histórica tão presente nos pacientes.

Oscilando entre a psicologia e a biologia, Freud se questiona se não deveria utilizar o nome de metapsicologia para explicar sua psicologia que está além dos limites da consciência.

Acredita que a teoria dos desejos, nos sonhos, solucionou o aspecto psicológico, mas não o biológico. Diante das fantasias, sonhos e psiconeuroses, propõe que "o que é visto no período pré-histórico produz sonhos; o que é ouvido nesse mesmo período produz fantasias; o que é experimentado sexualmente, ainda no mesmo período, produz as psiconeuroses" (EA, Carta 84, 1898/1996:316).

Nas últimas cartas para Fliess, Freud acredita que as fantasias são produzidas em períodos posteriores da vida, de forma projetada para o passado, sendo que este pode remontar aos períodos mais primitivos da infância. Contudo a capacidade de fantasiar nos primórdios da infância é nula, apesar da presença no embrião do impulso sexual. Por fim, define que a nossa vida psíquica é produto do par de opostos: realidade e realização de desejos. E os sintomas? Como entendê-los dentro desses pares de opostos?

O sintoma é diferente do sonho, na medida em que este último está mantido fora da realidade. Já o primeiro está presente na vida e precisa ir mais além. Sua função é a de tornar possível, também, a realização do desejo do pensamento recalcador: "o sintoma surge ali onde o pensamento recalcado e o pensamento recalcador conseguem juntar-se na realização do desejo ...." O sentido do sintoma é um par contraditório de realizações de desejos. (EA, Carta 105, 1899/1996: 320/321).

## Sobre os sonhos

Os estudos sobre os sonhos abrem um caminho para a compreensão dos processos fundantes do pensamento psicanalítico. Percepção, memória, lembrança, fantasia, realidade, defesa, censura e inconsciente, entre outros, passam a ganhar uma dimensão na vida psíquica muito além do que a primazia da razão consciente podia conceber à época.

Freud busca demonstrar que as estranhezas e os absurdos dos sonhos não podem ser compreendidos com a lógica da atividade consciente. Alguns mecanismos tornam-se necessários para compreender essa outra organização lógica. Buscou-se descrever uma síntese dessa organização de formulações sobre os sonhos, visando atender os objetivos desta tese, inclusive porque todo esse esforço desemboca num dos temas centrais desta pesquisa: realidade psíquica e realidade concreta<sup>27</sup> ou material<sup>28</sup>, e sua relação com as fantasias.

Analisando uma série de estudos sobre os sonhos e o sono e refletindo sobre o papel destes na sua clínica com pacientes histéricos, obsessivos, fóbicos e psicóticos, Freud elabora uma série de postulações sobre os processos oníricos.

Partindo do princípio de que a vida mental inconsciente é muito mais abrangente do que a consciência, Freud rompe com as categorias de tempo e espaço da psicologia corrente e funda um modelo de funcionamento psíquico sustentado em algumas premissas.

---

<sup>27</sup> NAT: Estes termos foram cunhados em 1914.

<sup>28</sup> NAT: O termo "realidade material" foi substituído em 1919.

Primeiramente, explica que o funcionamento do aparelho psíquico se estrutura numa organização sensório-motora. A atividade sensória é constituída pela percepção e a motora pela consciência, atividade voluntária e expressão. No conjunto, esse aparelho psíquico estaria funcionando sob o primado da teoria da constância, ou seja, evitando o desprazer. Suas bases se modelam dentro do modelo da atividade reflexa, onde a resposta retorna a sua fonte verificando se a descarga ocorreu, visando ao equilíbrio do aparelho. A finalidade maior desta atividade do psiquismo é a de evitar o desprazer.

Em uma extremidade do aparelho psíquico encontra-se a base perceptiva, fundante de nossa atividade psíquica; e da outra, a base motora que expressa nossa atividade motriz. O caminho percorrido pelos processos psíquicos segue na direção da perceptual à motora. A percepção é um sistema aberto a receber as impressões sensórias e não tem condições, em si mesma, de modificá-las. O sistema perceptivo nutre a consciência com toda a gama de qualidades sensórias. Os registros da percepção são inscritos nos elementos mnêmicos que mantêm, entre si, relações de similaridade, a partir de um primeiro registro mnêmico de simultaneidade no tempo. A excitação que emerge da percepção deixa vários, permanentes e diferentes registros mnêmicos.

As primeiras lembranças e impressões de nossa infância encontram-se devidamente registradas nesse sistema, mas não tem acesso à consciência, pois estão inscritas no inconsciente. E são essas impressões as que maior efeito causam sobre nós. Os elementos mnêmicos experimentam diversas fixações e vão se ordenando, com o tempo, com outras

impressões mnêmicas. Há que se deixar claro que o sistema P<sup>29</sup> não possui capacidade para conservar qualquer alteração, não tendo registro mnêmico algum.

Freud denomina *associação*<sup>30</sup> ao enlaçamento produzido entre as percepções e a memória. O caráter associativo está eminentemente relacionado aos fluxos das excitações, ora mais, ora menos resistentes, durante sua propagação entre os elementos mnêmicos. Enquanto a percepção afeta a consciência com seu fluxo sensorial constante, nossas lembranças, por outro lado, são em si inconscientes.

O sistema pré-consciente - que está mais próximo da consciência - é possuidor da instância crítica - a censura - e responsável pela atividade voluntária. Além disso, responde pelas excitações que podem alcançar a consciência por meio da **atenção**. O sistema inconsciente não tem acesso direto à consciência, a não ser por intermédio do pré-consciente, onde sua excitação sempre sofre modificações.

Relacionando os processos oníricos com outros parciais do pensamento normal e a lembrança voluntária, Freud descreve uma formação regressiva da mente, no sentido que vai do ato complexo representativo até aos materiais brutos que se encontram registrados por trás destes, até sua base. No estado de vigília, esta regressão não ultrapassa certas fronteiras mnêmicas, mantendo distância das fontes perceptivas. Nos sonhos, a representação volta a se transformar na imagem sensorial de onde teve origem.

---

<sup>29</sup> NAT: "P" de perceptivo.

<sup>30</sup> NAT: Grifo do autor.

A vida psíquica não cessa durante o sono; na vida de vigília, a corrente excitatória está ocupada com a motilidade; durante o sono, a motilidade cessa, não produzindo impedimento à outra corrente de excitação. As vivências primitivas da infância ou as fantasias fundadas nessa etapa reaparecem com freqüência, em seus fragmentos, no conteúdo do sonho. O pensamento desconectado da consciência luta para expressar seu conteúdo e emerge em imagens visuais. O sonho, segundo Freud, "pode descrever-se também como o substituto da cena infantil, alterado pela transferência ao recente"<sup>31</sup>.

Articulando a estrutura e o funcionamento dos sonhos com as cenas infantis, pode-se depreender uma ruptura com a teoria do trauma, na medida em que estas últimas só podem reproduzir-se como fantasias, ou seja, como produto modificado e influenciado por diferentes estímulos provenientes de diversas fases, que se conjugam, por associação e/ou deslocamentos de idéias. Qual seria o processo, entretanto, que refundiria idéias em imagens sensoriais? Com uma compreensão assumidamente não suficientemente clara, Freud denominaria de *regressão*<sup>32</sup> a este processo.

Posteriormente<sup>33</sup>, a regressão seria compreendida sob três formas: a topográfica, a temporal e a formal, correspondentes aos sistemas \*F, ao retorno a estruturas psíquicas primitivas e às respectivas representações desses estados na vida cotidiana. Mais tarde<sup>34</sup>, Freud estabelece uma interessante relação entre a filogênese e a ontogênese, no sonhar e na neurose. No

---

<sup>31</sup> NAT: El sueño puede describir-se también como el sustituto de la escena infantil, alterado por transferencia a lo reciente." (EA 1900-01/2005: 543/544)

<sup>32</sup> NAT: Grifo do autor.

<sup>33</sup> NAT: Parágrafo acrescentado em 1914, no artigo "(B) *Regressão*", do capítulo VII da "*Interpretação dos sonhos*".

<sup>34</sup> NAT: Parágrafo acrescentado em 1919, no artigo "(B) *Regressão*", do capítulo VII da "*Interpretação dos sonhos*".

sonhar, destaca ser uma regressão às condições mais primitivas do sonhador, reanimando sua infância por meio dos impulsos que a dominavam e aos meios pelos quais tinha acesso à expressão. Esta perspectiva ontogenética do sonhar parecia poder remeter a uma "*infância filogenética*" (EA,1900-01/2005:542), onde o desenvolvimento de cada indivíduo poderia remeter ao desenvolvimento da raça humana, como uma certa repetição sintética e submetida às contingências particulares de cada ser humano. Freud (1919) defendia a hipótese de que, por meio da análise do sonho, poderíamos apreender o que é psiquicamente inato no homem, como uma "*herança arcaica*" (ibid). Os sonhos e as neuroses trariam consigo a preservação dos processos mentais mais arcaicos e obscuros do começo da civilização. E a psicanálise, por meio da regressão, poderia ser capaz, um dia, de reconstruí-los.

### **Sonho e desejo**

O reaparecimento das cenas infantis e a razão dos conflitos intrínsecos no sonhar podem ser explicados pela função principal do sonho que é a realização de desejos. No sonhar da criança, Freud não tinha dúvidas de que representavam desejos não atendidos durante o dia. No caso dos adultos, primeiramente, há uma renúncia a essa representação clara de um desejo não atendido durante o dia, em virtude dos mecanismos de defesa que impedem esse acesso ao processo do sonhar, provenientes do controle e domínio da vida pulsional e da atividade do pensamento. Assim, o sonhar infantil difere do adulto. O sonhar adulto é produto de um desejo consciente ou pré-consciente indutor de despertar um desejo inconsciente que está sempre alerta e propenso a encontrar um meio de expressão por intermédio dos impulsos que movem estes primeiros. Esses desejos inconscientes e



recalcados são originários da infância, mantidos sob controle e permanecendo imortais, embora afastados da consciência.

A noção de imortalidade construída por Freud, encontra paralela na lenda dos Titãs que, esmagados pelo peso das montanhas, permanecem com seus membros ainda moventes por debaixo destas. Outra referência estaria nos fantasmas do mundo inferior da Odisséia que cobravam sangue e despertavam para uma nova vida assim que o provassem<sup>35</sup>.

Em 1919<sup>36</sup>, Freud acrescenta à idéia de realização de desejos, o que parece, em princípio, uma contradição. Os sonhos que geram aflições e reflexões dolorosas também são realizações de desejos, embora suscitem muitas dúvidas, em sua compreensão. Assim, sonhos de angústia comportam a realização de um desejo recalcado submetido a uma instância do Eu, que rechaça violentamente a satisfação procurada e irrompe em angústia, levando ao despertar. Com essa análise, a realização dos desejos comporta não somente os sonhos considerados agradáveis, como também os desagradáveis. A angústia pode ser compreendida dentro da ordem da realização dos desejos.

Em 1930<sup>37</sup>, analisando estes sonhos de punição, reforça uma proposição de 1919, na qual sugeria compreender o mecanismo da formação de sonhos, não mais opondo "consciente" e "inconsciente", mas sim entre "Eu" e o "recalcado". Nestes casos, o desejo não é derivado

---

<sup>35</sup> NAT: Nesta referência à tradução da ESB para *fantasma*, encontra-se na EA o equivalente a *sombras*.

<sup>36</sup> NAT: Parágrafo acrescentado nessa data ao artigo "(C) *Realização de desejos*" do Volume VII "A interpretação dos sonhos".

<sup>37</sup> NAT: Freud acrescenta uma nota de rodapé ao parágrafo referido acima.

do inconsciente ou recalçado, mas do Eu, na sua condição inconsciente, na instância pré-consciente. Neste local, pode-se localizar o Supereu.

A importância dos restos diurnos na formação dos sonhos tem influência em diferentes graus, nas diversas passagens do texto freudiano, contudo para efeito desta pesquisa, considera-se relevante a idéia de que uma representação inconsciente é incapaz de ingressar no pré-consciente, exceto quando uma representação pré-consciente inofensiva age como acobertamento de uma conexão que recebeu a transferência da intensidade inconsciente.<sup>38</sup>

Buscando definir sua noção de desejo, Freud introduz a dimensão do psiquismo aos primórdios da ontogênese. Trabalhando com a idéia de constância, de busca da cessação do desprazer, localiza sua origem nos primeiros momentos de vida do bebê e sua experiência de satisfação. Inicialmente, reconhece uma excitação imposta por uma necessidade interior que busca descarregar por meio da motilidade e que pode ser designada como "*alteração interna*" ou "*expressão emocional*" (EA,1900-01/2005:557). No entanto, essa força excitatória interna apresenta como característica um funcionamento contínuo que só pode modificar-se por meio da intervenção de uma outra pessoa, como um auxílio externo, produzindo a experiência de satisfação, que faz cessar o estímulo interno.

Essa experiência de satisfação, vivida pelo bebê, constitui uma marca, um traço mnêmico da excitação produzida pela necessidade<sup>39</sup>. Durante esta vivência, a aparição de uma percepção singular emerge com uma imagem mnêmica que, a partir de então, permanece

---

<sup>38</sup> NAT: Transferência é aqui utilizada em sua forma verbal com significação de transportar e não ao conceito de transferência.

<sup>39</sup> NAT: No texto, Freud refere-se à necessidade de nutrição.

associada ao traço mnêmico da excitação. Esse vínculo entre necessidade, percepção, satisfação e memória, produz uma resposta na qual, diante de nova necessidade de satisfação, emergirá um impulso psíquico buscando investir novamente na imagem mnêmica daquela percepção e produzi-la outra vez com a finalidade de restabelecer a situação da satisfação original (Ibid). Freud designa como *desejo* o impulso desta índole<sup>40</sup>.

Quando esta percepção é reencontrada, pode-se dizer que se trata da realização do desejo, neste percurso que emerge da excitação produzida pela necessidade até a catexia plena da percepção. Neste estado primitivo do aparelho psíquico, o desejo terminava em alucinação, cujo objetivo principal era repetir a percepção associada com a satisfação, por meio de uma "*identidade perceptiva*" (EA,1900-01/2005:558). Contudo essa resposta de satisfação com o reencontro da percepção não se mantêm, em virtude das amargas experiências da vida, e passa a criar uma atividade secundária como forma de estabelecer uma eficácia para a finalidade de tal força psíquica, na medida em que a satisfação não sobrevém, e a necessidade persiste.

A criação de um segundo sistema que passa a controlar o movimento voluntário surge a partir do redirecionamento da força psíquica, no momento em que barra o acesso à imagem mnêmica primitiva, por meio da regressão. A partir desse instante, esta força passa a buscar no mundo externo novas identidades perceptivas que Freud veio acrescentar, em 1919, em uma nota de rodapé, que se trata do reconhecimento de um exame da realidade, ou seja, "*verificar as coisas para ver se elas são reais ou não*" (ibid).

---

<sup>40</sup> NAT: *Índole* na EA e *espécie* na ESB.

Todo esse processo descrito constitui-se como atividade de pensamento, cuja gênese se encontra na base da experiência primária de satisfação e segue um caminho, no qual constrói acessos ulteriores e indiretos que se tornaram necessários ao cumprimento da exigência da realização do desejo. Se essa atividade primária mantivesse a retenção do objeto de seu desejo, com a persistência de uma não indiferenciação entre o investimento interno e o externo, estaríamos como diante de uma psicose alucinatória.

O pensamento passa a se constituir como um substituto do desejo alucinatório e somente um desejo pode colocar o aparelho psíquico em ação (EA, 1900-01/2005:604). Nesse sentido, os sonhos, como realizações de desejo, constituem-se como fragmentos da vida mental infantil que foi suplantada. Freud retoma a metáfora da filogênese e da ontogênese, ao sugerir que as armas dos primeiros homens, tais como os arcos e as flechas, reaparecem nos brinquedos infantis.

Na medida em que a atividade do sistema inconsciente tem como único objetivo a satisfação de desejos e forçam caminho para chegar, por meio do pré-consciente, à consciência e assumir o controle dos movimentos, o aparelho psíquico, visando à preservação de nossa saúde psíquica, cria a censura, como uma instância que impede que os impulsos inconscientes tenham acesso direto à motilidade. A censura surge como uma proteção e, quando não atua nesta intermediação, emerge uma regressão alucinatória própria à psicose.

Articulando realização de desejos com o processo do sonhar, Freud destaca que, durante o sono, o controle da atividade motora tende a diminuir, assim como a censura. Afetado pelos

restos diurnos que não foram descarregados pela vida de vigília ou por um agente surgido durante o dia, e que despertou um desejo inconsciente, ou por ambos, a atividade do sonhar é influenciada pela tendência dos impulsos inconscientes a ingressar na consciência. A barreira estabelecida pela censura mantém-se atenta, apesar de diminuída em sua força controladora. Os impulsos seguem dois caminhos: das cenas ou fantasias inconscientes ao pré-consciente e dos limites da censura até as percepções. No caminho do inconsciente à censura pelos processos de pensamento, o desejo, influenciado por esta última adota uma desfiguração, uma deformação mediante ao que é mais recente. No caminho inverso, buscando fugir dos impedimentos impostos pela censura e pelo estado de sono, o conteúdo do processo onírico se torna perceptivo. Ao atingir este estado, atrai a atenção para si e é notado pela consciência.

Posteriormente, visando à finalidade de possibilitar operações mais finas e com uma maior autonomia dos signos de desprazer, tornou-se necessário que o sistema pré-consciente construísse qualidades próprias que atraísse a consciência. A provável estratégia foi o elo estabelecido entre os processos pré-conscientes e o sistema mnêmico (não desprovido de qualidades) dos signos da linguagem. Por este intermédio, observa-se a existência de uma consciência que era um órgão sensorial para as percepções, para tornar-se, também, um órgão sensorial para uma parte de nossos processos de pensamentos (EA, 1900-01/2005: 566). A consciência passa a possuir duas superfícies sensoriais: uma voltada para a percepção, e outra, para os processos do pensamento pré-consciente (ibid).

Por outro lado, *os processos inconscientes são indestrutíveis*; nada fica para trás, nem pode ser interrompido, nem esquecido e são caracterizados por sua forma ativa. Nesse sentido, as

lembranças e as respectivas fontes inconscientes da emoção se encontram em forma latente e podem vir a ser revivificadas por meio de sintomas, tal como os histéricos, onde a descarga pode ser realizada pela via motora.

A função de pré-consciente é a de tentar controlar essa força inconsciente, visando a um destino que leve a evitação do desprazer. O sonho cumpre essa função de permitir uma certa descarga da excitação inconsciente, recolocando-a sob o controle do pré-consciente. Quando a excitação inconsciente adquire maior intensidade, o sistema pré-consciente tem de responder com uma ação mais eficaz. Isso explica a aparente contradição de que sonhos de angústia também representem realizações de desejo.

O despertar aterrorizado durante o sono tem como equivalente a mesma função de sintoma nos processos neuróticos, tal como a fobia, por exemplo. Ambos, terror noturno e sintomas fóbicos, são defesas produzidas pelo pré-consciente para suportar a intensidade dos desejos inconscientes que, no presente, liberam desprazer.

Diante da impossibilidade de compreender a relação sexual dos adultos, constatando a participação de seus pais na mesma e não sendo capaz de elaborar estas cenas, observa-se a irrupção de uma ansiedade, a mesma que justifica os terrores noturnos das crianças.

Ainda analisando os sonhos, Freud sustenta que a atividade inconsciente da fantasia<sup>41</sup> tem uma participação significativa na formação dos pensamentos oníricos. *A fantasia é, de certa*

---

<sup>41</sup> NAT: *Fantasia* na EA e *imaginação* na ESB.